



Trajectoria e história de vida: estudo biográfico de uma professora transexual em Rondônia

Trajectory and life history: biographical study of a transsexual teacher in Rondônia

Trayectoria y historia de vida: estudio biográfico de una profesora transexual en Rondônia

Kary Jean Falcão¹

Professor da Faculdade Católica de Rondônia, Porto Velho/RO, Brasil

Marlene Neves Strey²

Professora da Universidade FEEVALE, Porto Alegre/RS, Brasil

Angelo Brandelli Costa³

Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil

Recebido em: 30/03/2019

Aceito em: 31/07/2019



10.34019/1984-5499.2020.v22.25932

Resumo

O estudo, de natureza qualitativa, busca analisar a trajetória e a história de vida de uma professora que atuou na década de 1980 no Ensino Fundamental da rede pública de Porto Velho, Rondônia, e o seu processo de construção de identidade transexual. Desenvolveu-se um estudo biográfico a partir da compreensão da Psicologia Social para contribuir na constituição e afirmação de identidade de gênero de professores e os impactos que potencializam um ambiente escolar com espaços de igualdade e humanização. A abordagem metodológica do estudo foi baseada em entrevistas filmadas, tendo como colaboradores: membros da família, professores, amigos de trabalho e ex-alunos que fizeram parte da história da professora. O estudo biográfico oportunizou novas reflexões quanto o papel da escola e da prática docente.

Palavras-chave: Trajetória. Docência. Transexualidade. Identidade.

Abstract

The qualitative study seeks to analyze the trajectory and life history of a teacher who worked in the 1980s in the Elementary School of Porto Velho, Rondônia, and her process of constructing transsexual identity. A biographical study was developed from the understanding of Social Psychology to contribute to the constitution and affirmation of gender identity of teachers and the impacts that potentiate a school environment with spaces of equality and humanization. The methodological approach of the study was based on filmed interviews, having as collaborators: family members, teachers, co-workers and alumni who were part of the teacher's history. The biographical study

¹ E-mail: karyfalcao@yahoo.com.br

² E-mail: nevestrey@gmail.com

³ E-mail: angelo.costa@puccrs.br

provided new reflections on the role of school and teaching practice.

Keywords: Trajectory. Teaching. Transsexuality. Identity.

Resumen

El estudio cualitativo busca analizar la trayectoria y la historia de vida de una profesora que trabajó en la década de 80 en la Escuela Primaria de Porto Velho, Rondônia, y su proceso de construcción de identidad transexual. Se desarrolló un estudio biográfico a partir de la comprensión de la Psicología Social para contribuir a la constitución y afirmación de la identidad de género de los docentes y los impactos que potencian el entorno escolar con espacios de igualdad y humanización. El enfoque metodológico del estudio se basó en entrevistas filmadas con colaboradores: familiares, maestros, amigos de trabajo y ex alumnos que formaron parte de la historia del maestro. El estudio biográfico proporcionó nuevas reflexiones sobre el papel de la escuela y la práctica docente.

Palabras clave: Trayectoria. Enseñanza. Transexualidad. Identidad.

Introdução

O presente artigo trata de um estudo biográfico da professora Sandra Egly, nascida em Porto Velho, Rondônia, em 1958 e falecida em 2001, vítima de complicações cardíacas. A professora gostava de ser chamada de Sandrinha e, vivenciou experiências na construção e afirmação da identidade transexual no início dos anos de 1980. Sua trajetória de vida foi marcada pelas constantes lutas por direito à igualdade, respeito e valorização ao exercício da docência.

A biografia da Professora Sandra Egly tem como objetivo contribuir na melhoria da atuação docente nos dias de hoje, com perspectivas de promoção da igualdade e humanização entre estudantes e professores, com narrativas “que ajudem a enfrentar os dilemas educativos atuais” (BUENO *et al.*, 1993, p. 301). O estudo propõe abordagens teóricas relativas à memória, aos processos tradicionais de formação docente e, em especial a relação de gênero e as condições de trabalho feminino no magistério, referendados por Bueno *et al.* (1993).

Considerando que a trajetória de vida da Professora Sandra se deu em um período histórico de grande resistência, é importante destacar que a discussão de gênero e identidade no ambiente escolar, que atualmente tem sido alvo de enfrentamentos políticos e religiosos, já foi articulada na década de 1980 com a participação de uma docente transexual e a aceitação da sociedade a partir das práticas pedagógicas marcadas pelo estreitamento da escola e da comunidade. Possivelmente, a sociedade atual desconhece que os mecanismos de defesa e resistência utilizados aproximadamente há 40 anos pela professora biografada ainda estão presentes no cotidiano escolar.

O embasamento teórico da pesquisa apresenta experiências na formação de professores com trajetória e a história de vida contextualizada como método de investigação científica e biográfica,

conforme Bueno *et al.* (1993, 2006) e Souza (2007) e faz articulação a partir das abordagens de Born (2001) e Rios, Barros e Vieira (2017).

A relação entre a trajetória de vida e a utilização de vídeos como pesquisa qualitativa tem a intenção de apresentar informações subsidiadas pela observação indireta de elementos complexos da vida e dos acontecimentos que não podem ser apreendidos por meio da fala e da escrita.

Importante destacar que o estudo biográfico com a professora Sandra Egly analisa o percurso de sua vida e a construção de uma identidade transexual na década de 1980, sendo um período de invisibilidade de concepções e estudos do universo trans em produções acadêmicas (FRANCO; CICILLINI, 2016). O questionamento da transexualidade antes do século XX revelou-se sem sentido pela inexistência de transexuais como sujeitos, consistindo somente como um “objeto inventado, como uma “espécie”, com diagnóstico e tratamento específicos, em meio a disputas de poder” (SANTOS, 2015, p. 635). Entretanto, este estudo foi elaborado através das narrativas e memórias de familiares, docentes e ex-alunos, constituindo um instrumento condutor para a efetivação de políticas públicas de afirmação de identidade e transfobia institucionalizada.

A análise apresenta importante reflexão sobre o papel da escola e da prática docente na construção e afirmação de identidade de estudantes e professores. A definição identitária de travestis e transexuais sofre discriminação em relação às dificuldades das categorias binárias de sexo, gênero e identidade, principalmente em sociedades direcionadas às intersecções das categorias de identidade e orientação.

Trajetória de vida: a memória como referência

Para Born (2001), os estudos sobre trajetória de vida exploram as experiências pessoais e coletivas com registros de lembranças que ficaram esquecidos na memória. Esta traz as lembranças vivenciadas e que precisam ser resgatadas para a compreensão da própria história e a recriação de perspectivas para as gerações mais novas.

Estas abordagens ganham dimensão metodológica com a publicação de “O método (auto) biográfico e formação” (1988) e “Vida de professores” (1992), este último reeditado em 1995, de autoria do Professor Antônio Nóvoa. Enquanto perspectiva epistemológica, os estudos de produção nacional cresceram significativamente a partir dos anos de 1990, contribuindo para compreender e aflorar o interesse por estudos sobre profissão, profissionalização e identidade docente. Entretanto, Souza (2007,

p. 60) vincula o início do movimento biográfico no Brasil com a criação do Grupo de Estudos de Docência, Memória e Gênero (GEDOMGE), que agrupa professores e alunos da Faculdade de Educação da USP (FEUSP) desde a década de 1990 por meio de aproximações das memórias e trajetórias de professoras e as questões identitárias. Para o autor, o estudo biográfico traduz sentimentos, representações e significados individuais e a relação entre a memória, história e escola.

As pesquisas de Bueno *et al.* (2013, 2006) e Souza (2007) expressam a promoção dos sentidos, as narrativas de professores e a história da educação, compreendidos como posicionamentos do substrato social da memória articulada com a cultura, a diversidade, a política, e os aspectos étnicos, históricos e culturais apresentados por Bosi (2003).

Segundo Born (2001, p. 243), trajetória de vida pode ser “descrita como um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa” caracterizados pela frequência, duração e localização de acontecimentos ao longo de sua história, sem que se emita qualquer tipo de opinião. Os desafios metodológicos e os resultados empíricos na utilização de trajetória de vidas em pesquisas qualitativas associam-se ao reconhecimento dos processos necessários e relevantes para o entendimento e mudanças de tempo e espaço, sendo que o curso da vida é composto por informações sociodemográficas e estruturado em diferentes graus.

Para a autora, a pesquisa biográfica pode apresentar expressões de opinião, de motivos e planos para o futuro, assim como a percepção e interpretação do passado com intenção de reconstruírem realidades biográficas. Um estudo biográfico exige uma abordagem qualitativa como forma de os participantes relatarem as histórias e experiências individuais ou coletivas com base em detalhamento subjetivo (BORN, 2001).

Rios, Barros e Vieira (2017) analisam as narrativas da história de vida, percurso profissional, acadêmica e escolar de professores homossexuais e as nuances nas questões relacionadas ao exercício da docência e a sexualidade. Entretanto, a trajetória de vida da Professora Sandra Egly descreve a complexidade nas interpretações que os indivíduos atribuem às suas experiências e ações identitárias e o entendimento em desvendar elementos que vão além dos acontecimentos da vida e dos processos de implicação das vivências subjetivas e identitárias.

As instituições e práticas sociais, para Louro (1997), são constituídas por gênero, classe e raças, contribuindo nos sujeitos a partir de suas representações. A Professora Sandra Egly promoveu, na instituição escolar, eventos socioculturais e folclóricos pautados nas experiências vivenciadas no seu

processo de construção da identidade profissional como dançarina, coreógrafa e artista nos espetáculos de circo.

O ensaio de Franco e Cicillini (2016) revela que publicações científicas relacionadas ao universo trans e educação são muito limitadas, encontrando poucas reflexões que problematizem sobre os critérios de normalidade e anormalidade estabelecidos pelas instituições sociais em relação ao gênero e sexualidade. Durante o período de 2008 a 2014, a partir de uma perspectiva pós-crítica e de abordagem qualitativa, foram constatadas somente vinte publicações. Neste sentido, os autores revelam que, historicamente, o segmento de travestis, transexuais e transgêneros sempre foram os mais expostos às formas de vulnerabilidade e exclusão.

Método

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, que a partir do viés da Psicologia Social desenvolve um estudo biográfico tendo como referência a história de vida da professora Sandra Egly.

Para analisar a interação, os sentimentos, as expressões e emoções dos participantes, a coleta das informações do estudo biográfico foi estruturada com o registro em vídeo das entrevistas que, conforme Pinheiro, Kakehashi e Angelo (2005), podem adotar três possibilidades: o uso de filmes preexistentes (filmes, séries e documentários); o uso de vídeos produzidos e postados em plataformas de compartilhamento (como os tutoriais *YouTube*, *Instagram*, *Twitter*, *Vídeo* ou *Vigo Video*); vídeos produzidos pelo próprio pesquisador.

No estudo em questão optou-se por produzir vídeos curtos, com duração de aproximadamente 15 a 20 minutos, com as entrevistas dos participantes. A pesquisa com vídeos pode ser indicada em caso de estudos com contextos mais complexos, sendo necessária a descrição das informações com observação minuciosa e maior concentração de clareza e credibilidade. Utilizou-se também um diário de campo para o registro de relatos e informações cedidas através de conversa informal, entrevistas e dados fornecidos por vizinhos, amigos e demais participantes não arrolados no estudo.

Participaram deste estudo os membros da família da Professora Sandra Egly em entrevista coletiva: a senhora Leonilce Barros, irmã da Sandra; a sobrinha Sirley Corsino; e o cunhado, o senhor Ademar Bicho de Souza, todos moradores da cidade de Candeias do Jamari, 24,7km distante de Porto Velho, Rondônia. Em seguida, foram realizadas três entrevistas com funcionários da Escola Estadual de Ensino Fundamental “Maria Carmosina Pinheiro”, sendo dois professores que atuam com a professora

Sandra é uma merendeira. O estudo também contou com a participação de dois ex-alunos e a primeira diretora da escola em que atuou. Conforme informações dos membros da família, a diretora entrevistada foi a responsável pela indicação e contratação da professora biografada pelo ex-território Federal de Rondônia, em 1978.

O critério de inclusão e exclusão dos participantes foi definido a partir do levantamento de informações diagnósticas a respeito da história da vida da professora Sandra. Optou-se em excluir do estudo os membros da família que não residem mais em Rondônia. Quanto aos professores e amigos de trabalho, no período de 11 a 27 de junho de 2018, foram realizadas visitas diariamente na Escola Estadual Maria Carmosina Pinheiro em razão de ser a escola onde a professora estava lotada na época do seu falecimento e também onde atuou por mais tempo na docência. Os ex-alunos participantes da pesquisa foram indicados por membros da comunidade e por professores da escola.

Importante destacar que durante as entrevistas os participantes, em alguns momentos, se referem à Sandra usando os pronomes “ele, dele”. A pesquisa optou por não fazer registro do nome civil da professora Sandra em razão de não contribuir com o estudo.

Em relação aos critérios éticos de pesquisa, todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando a divulgação dos nomes completos, lugares e endereços dos participantes do estudo que foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, através do Parecer Consubstanciado de nº. 2.462.019, em 06/11/2017. A SEDUC/RO, através do Ofício nº 6524/2018/SEDUC-NNTE, autorizou a realização da pesquisa no espaço escolar.

Resultados e discussão: biografia de uma docência e identidade transexual

Última filha de uma família de dez irmãos, a professora Sandra Egly nasceu em Porto Velho em 1958. Antes de completar 10 anos de idade, os pais foram morar no município de Guajará Mirim, distante 348 km de Porto Velho, que faz fronteira com a cidade boliviana de *Guayaramerín* na província de *Beni*, Bolívia.

Entre 17 e 18 anos de idade, Sandra voltou para Porto Velho à procura de trabalho. Seus pais eram muito rígidos e não aceitavam a identidade de gênero que começava a construir. Em Porto Velho foi morar com a irmã Leonilce Barros que já era casada e tinha filhos pequenos e precisava de alguém para cuidar das crianças enquanto trabalhava. Como forma carinhosa, a irmã a chamava de “Sanda”, que era uma

abreviatura do seu nome de batismo e que deu origem ao nome social Sandra Egly ou Sandrinha.

De acordo com entrevista cedida pela família da Professora Sandra, no dia 09 de julho de 2018, a irmã Leonilce Barros disse: “Meu pai era muito severo, aí descobriu a vida dele. Eles moravam em Guajará, aí mandou ele para cá e ele foi para a minha casa, dei todo apoio a ele, botei ele dentro da minha casa”. (LEONILCE BARROS, 63 anos, irmã de Sandra).

Durante este período, o ex-território Federal de Rondônia tinha uma escassez de profissionais com formação superior para a oferta de serviço público e contratava professores denominados “leigos”. De acordo com Sousa e Morosini (2006, p. 26), somente entre 1979 a 1981 que o Núcleo de Educação da Universidade Federal do Pará criou em Rondônia alguns subnúcleos de ensino oferecendo cursos em licenciatura curta e plena. O acesso foi muito limitado e a Professora Sandra não havia concluído as etapas anteriores para ingressar no Núcleo do Pará. Conforme entrevista cedida por Leonilce Barros, o início da carreira da professora Sandra não foi diferente de muitos docentes no final da década de 1970:

Quando ele foi ser professor, ele era leigo, só até a 5ª série. Quando eu adoecia, mandava ele no meu lugar. Eu morava na Rua Amazonas e trabalhava na escola Petrônio Barcelos. Ele foi a primeira vez e a minha diretora gostou muito. Ele inventava tudo. Tudo ele criava. Então através disso ele começou, até ele ir para o interior, lá pro Km 31 ou 35. Aí foi quando eu passei mal bastante, um dia e eu tive que ficar 15 dias em casa e pedi pra ele ir, eu fui e falei com minha diretora pra ela deixar ele lá no meu lugar para as crianças não ficar voltando. E foi quando ela conseguiu um contrato pra ele. Foi a Yeda Borzacov, naquele tempo ela era diretora lá do Petrônio Barcelos. Aí ela falou: ‘Minha filha, me dê os documentos dele, eu vou conseguir um contrato pra ele’. E a Sandra teve a sorte de entrar logo como efetivo. Eu não me lembro do ano, acho que 1978, mas não me lembro (LEONILCE BARROS, 63 anos, irmã da Sandra).

Na entrevista com os membros da família, em alguns momentos, a irmã, bastante emocionada, se referia à Sandra usando o pronome “ele, dele” e em outros usava os pronomes “ela, dela”, assim como “minha irmã” e “meu irmão”, embora o cunhado e a sobrinha somente usassem o nome “Sandra” e “Tia Sandrinha”.

A Professora Yeda Borzacov concedeu entrevista no dia 22 de agosto de 2018 em sua residência. Informou que em 1978 era diretora de uma escola chamada João XXIII e, por questões políticas, foi convocada para trabalhar como diretora na escola Governador Petrônio Barcelos. A escola fica localizada no bairro Nova Porto Velho, próximo ao Trevo do Roque conhecida no passado como zona de baixo meretrício. Em entrevista, a Professora Yeda Borzacov disse que ao chegar à escola organizou um grupo de Boi-bumbá e de Quadrilhas Juninas para apresentação nos festivais folclóricos da época.

A escola ficava localizada em uma zona de baixo meretrício. Mas olha, eu nunca vi tanto respeito como naquela época. Nós organizávamos reuniões com os pais e todos os pais participavam e se

comportavam como verdadeiras damas. Inclusive, as famílias vinham e me ajudavam em tudo. Foi a escola que eu tive a maior participação de mães foi aquela, onde ficava rodeado de zona de meretrício. Eu nunca vi uma atitude, nada, nada que desabonasse a sua conduta. Depois dessa festa, mandaram me chamar na secretaria de educação e perguntaram se eu queria retornar para a Escola Normal onde eu havia sido diretora antes. Eu disse que se atendessem a duas exigências eu iria. Primeira, que me pagassem, pois nunca me pagavam e eu nem fazia questão, mas de propósito que eu não queria sair de lá. Segundo, que eu colocasse as pessoas quem eu indicasse para trabalhar. Eles ficaram calados e não falaram mais nada. E eu continuei na escola Petrônio Barcelos (YEDA BORZACOV, Diretora da Escola Petrônio Barcelos em 1978).

Rondônia somente foi elevado à categoria de Estado através da Lei Complementar nº. 041 de 22 de dezembro de 1981 e, durante o período anterior, os funcionários públicos eram contratados pela União. Em 1978, Sandra foi contratada como professora a partir da solicitação da Professora Yeda Pinheiro Borzacov, primeira diretora da Escola Governador Petrônio Barcelos. Segundo os membros da família, a independência financeira contribuiu na construção da nova identidade que foi se fazendo conhecida na escola. A Professora Sandra surge como uma profissional dedicada, séria e muito querida pelos alunos e demais colegas de trabalho. Inicialmente, Sandra foi trabalhar em uma escola na Linha 35 da BR 364, zona rural, sentido Guajará-Mirim, RO. Segundo a irmã, “de repente minha irmã aparece em casa diferente. Mas muito feliz. Só sei que ele era muito dedicado, e aonde ele chegava todo mundo gostava muito dele. Tudo ele inventava e criava” (LEONILCE BARROS, 63 anos, irmã de Sandra).

Conforme os membros da família e amigos, quando Sandra chegou em Porto Velho ela ficou encantada pelo circo. O acesso à cidade na época era muito difícil, as estradas não eram asfaltadas e quando o circo chegava trazia poucos profissionais aproveitando os artistas locais para trabalhar como dançarinas, coreógrafas e assistentes de palco.

No circo, Sandra ensaiava as bailarinas e era responsável pelas fantasias e coreografia dos números artísticos. Durante o espetáculo, era anunciada a participação de uma mulher que cuspiam fogo pela boca, técnica denominada como pirofagia, um truque usado por circenses, artistas de palco e também nas ruas. A partir deste personagem, a Professora Sandra passou a ser conhecida como a “Mulher Vulcão”.

Os participantes do estudo apontam dois motivos que possivelmente tenham provocado o falecimento da Professora Sandra. Leonilce Barros conta que perdeu o contato com Sandra e quando foi à sua procura, a encontrou adoentada, morando em um espaço muito pequeno, desconfortável e sozinha. Os amigos próximos diziam que Sandra estava com depressão em razão de problemas no relacionamento com o companheiro e que por este motivo passou a exagerar nas bebidas alcoólicas e a não se alimentar direito. Mesmo com a insistência da irmã, Sandra recusava ir ao hospital e segundo Leonilce Barros: “Um dia, cheguei em casa e recebi uma ligação de que ela tinha dado entrada no hospital. Quando cheguei lá,

ela tinha acabado de falecer”.

Outros informantes relatam que o motivo que contribuiu para a morte de Sandra foi o contato com o líquido utilizado no circo para soltar fogo pela boca. Na entrevista com os membros da família, a irmã Leonilce Barros disse: “Eu acho que deve ter alguma coisa sim, você não viu aí nas fotos ela dançando e soltando fogo pela boca?” A sobrinha Sirley Corsino disse que o atestado de óbito notificava “morte por complicações cardíacas”.

Nos três relatos abaixo, os participantes falam sobre as causas da morte da professora Sandra e a relação da família com a aceitação e a construção da sua identidade de gênero. Nos trechos das entrevistas percebe-se que ora os participantes fazem uso dos pronomes no gênero masculino e em outros momentos fazem uso no feminino, porém quando os participantes se referem ao nome da irmã eles utilizam “Sandra” e os sobrinhos usam “tia Sandra”.

Eu só sei dizer que o motivo de ela se jogar na bebida foi porque estava com ciúme do “gato” dele, dela. E aí ela entrou na cachaça direto. Aí é claro que vai morrer. Ela entrou sete dias direto na cachaça e aí não queria morrer? Quem é que vai aguentar? Não aguentou, né? Sem comer e sem beber. Só bebendo cachaça (FRANCISCO BICHO DE SOUZA, 63 anos, cunhado de Sandra).

Quando ele morreu, com sete dias, uma sobrinha minha trabalhava na CAPEMI e descobriu que ele tinha deixado 25 mil para mim. Pra você ver como ele foi grato comigo. Eu não esperava isso dele. Eu ajudei muito a ele, muito, muito, muito. Nas dificuldades dele, ele corria comigo e podia contar comigo. Eu nunca disse não. Daí com sete dias a minha sobrinha me falou: ‘Tia, eu tenho uma surpresa pra senhora. A Tia Sandra deixou um seguro para a senhora no valor de 25 mil’. Naquela época era muito dinheiro. Daí eu comprei meu primeiro carro. Um carro zerado pra mim na época. Um dia ele ligou para mim, lá do interior. Eu estava precisando de uma peça para o meu carro. Aí eu falei para ele: ‘Sandra, meu carro tá no prego, mana, tu tá folgado aí? Estou precisando de uma peça. Manda um dinheiro pra mim’. Aí ele me disse: ‘Tá bom! Me manda o número da tua conta, tudinho, tudinho, que eu vou depositar’. Aí ele não depositou. Eu fiquei com tanta raiva dela. Com muita raiva. Aí depois quando eu fui ver que ele deixou esse dinheiro pra mim, eu pensei: ‘Olha ele não me deu uma peça. Ela me deu um carro novo’. Então eu agradeço (LEONILCE BARROS, 66 anos, irmã da Sandra).

Quando ele chegava lá, ele dizia: ‘Teu pai está aí?’ Ele tinha medo do papai. Daí eu. ‘Bença tio?’ Ele virava e dizia. ‘Como é que é? Eu sou a Tia Sandrinha. Já falei, Tia Sandrinha’. Aí a meninada corria pra pedir a “bença” da Tia Sandrinha. Ela ensinava a gente a dançar e tudo. Era muito divertida. Mas quando o papai apontava de chegar em casa, ela sumia. Passava um tempão sem aparecer (SIRLEY CORSINO, 55 anos, sobrinha da Sandra).

Contratada como professora aos 20 anos de idade, foi na docência que Sandra encontrou as bases para a construção da sua própria identidade. Durante este processo, a docente estabeleceu relações entre o envolvimento profissional baseado no comprometimento ao exercício do magistério com as práticas pedagógicas que envolviam aproximações entre a família e a escola, a valorização da cultura local, incentivando os alunos a prosseguir os estudos e a preocupação com o reconhecimento identitário.

Santana (2016) esclarece que por falta de conhecimento ou pelo medo, a presença de professores e alunas travestis nas escolas consiste em uma prática relativa a um “pacto de silêncio” em razão do que a sociedade considera como norma lógica binária de homem/mulher. O que prevalece é a imposição de padrões e ideologias de homogeneização e dominação social que levam pessoas travestis e transexuais a serem excluídas de seus direitos. O estudo de Santana (2016) selecionou artigos entre 2011 e 2015 com a temática sobre a presença de travestis nas escolas e encontrou currículos e práticas escolares com padrões heteronormativos e ausentes de discussões políticas para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT). Entretanto, a presença de uma professora “trans” na década de 1980 nas escolas públicas de Porto Velho considera-se um movimento de ocupação de espaços considerados distantes do imaginário social criado por discursos preconceituosos e discriminatórios sobre a identidade de gênero.

Conforme Spink e Menegon (2004, p. 64), processo de “interanimação dialógica” promoveu nos participantes um confronto que orienta a produção de sentidos quanto a importância da trajetória e história de vida e a afirmação de identidade. Em vários momentos, os membros da família refletiam sobre “como tia Sandrinha foi corajosa, viu? Ela, na realidade, foi uma vencedora. Se não fosse ela, muitas não estavam aí”. (SIRLEY CORSINO, 55 anos, sobrinha da Sandra). Essas implicações exigem reflexões éticas entre o pesquisador e os participantes para efetivação de “parâmetros de vigor e validade” a partir da contribuição dos vídeos nas entrevistas.

A Professora Yeda Borzacov, durante a gravação do vídeo da entrevista, relembrou de fatos importantes quanto à afirmação da identidade da Professora Sandra. Disse que Sandra chegou próximo a ela e dizendo que queria revelar um segredo muito pessoal: “Professora, eu sou uma mulher hermafrodita”. Durante a entrevista, a professora Yeda Borzacov pausou a fala, fixou o olhar em um passado e, buscando detalhes sobre a conversa com Sandra, continuou: “Você quer ajuda? Eu vou te ajudar. Eu vou falar com meu pai que é médico”. Só tinha um hospital naquela época que era o hospital São José. Falei pra papai, e dei todo detalhe. E ele disse: traz ele aqui”. (YEDA BORZACOV, Diretora da Escola Petrônio Barcelos em 1978).

A trajetória de vida da Professora Sandra passou pelos mesmos modelos de discriminação que insistem em se repetir, mesmo passados quase 40 anos. Possivelmente, Sandra acreditava que a constatação de um hermafroditismo poderia ter sido uma saída para os problemas enfrentados na afirmação de identidade transexual em uma época que nenhum estudo ou recurso poderia ser usado a seu favor. Atualmente, este comportamento nos remete à imposição de padrões de conduta da sociedade heteronormatizante e a transfobia institucional que insiste em excluir e retirar os direitos LGBTT e a

valorização das diferentes formas de orientação sexual e identidade de gênero.

Trajetória de vida profissional: relato de professores e ex-alunos

Optou-se por realizar entrevistas com dois professores que trabalhavam na Escola Maria Carmosina Pinheiro juntamente com a Professora Sandra e uma merendeira que era muito próxima à professora. Os dois ex-alunos participantes foram indicados pelos professores e amigos.

Os demais professores e funcionários se prontificaram a participar do estudo pela aproximação e amizade. Contudo, foram realizadas entrevistas em vídeos somente com pessoas ligadas às práticas docentes, descartando participantes de fora do convívio escolar. Porém, estes relatos foram ouvidos e as informações registradas em um diário de campo.

Os professores e funcionários mais antigos da escola foram os responsáveis em reproduzir as histórias e perpetuar as práticas da professora Sandra. Eles relataram a preocupação que Sandra tinha com os estudantes que não aprendiam e com os que vinham para a escola com roupas sujas e descuidadas. Os ex-alunos lembram que ela era exigente com a organização dos cadernos e que “todas as mesas tinham uma toalhinha. Ela mandava trazer uma toalha pra cobrir a mesa e cada uma de nós tinha uma latinha pra colocar os lápis de cor” (LAURI MIRANDA, 32 anos, ex-aluna da Professora Sandra).

Lauri Miranda disse que, quando criança, morava com a avó materna e estudou na Escola Maria Carmosina na Zona Leste com a professora Sandra. Lembra que a avó sempre dizia: “O teu professor vai reclamar porque tua unha tá grande. Aí eu dizia: A Tia Sandra, vovó, a minha professora”. O ex-aluno Josias Gonçalves, ao ser entrevistado, se refere à Professora pelo nome civil. Disse que foi aluno na terceira série primária em 1986 quando tinha entre 12 a 13 anos de idade. Segundo o aluno entrevistado, a professora incluía nas aulas atividades relacionadas ao folclore, às danças e à cultura regional fazendo de tudo para que os alunos não abandonassem a escola. O ex-aluno acredita que este foi o ponto forte para que os pais e responsáveis pelos estudantes aceitassem sem restrição a presença de uma professora transexual na escola. “Eu aprendi a valorizar esta inclusão dos diferentes na escola, a valorizar as questões regionais de Porto Velho, a amar a pátria, a família, amar aquilo que faz. Ele tinha este poder de mobilizar a escola” (JOSIAS GONÇALVES DE JESUS, 42 anos, ex-aluno da Professora Sandra).

Os dois ex-alunos entrevistados afirmaram que a Professora Sandra era muito divertida e carinhosa com as crianças. Além de organizar as quadrilhas e festivais de dança na escola, sua prática docente também obedecia aos ideais construídos na década de 1980. Naquela época os alunos cantavam

os hinos cívicos com hasteamento de bandeira diariamente antes das aulas, passavam por sabatinas e testes de leitura e operações matemáticas. Possivelmente foram estes posicionamentos metodológicos e o incentivo ao esporte e a cultura que garantiram a aceitação da sua identidade transexual pela sociedade atual.

Eu fui esportista porque ele incentivou, eu gosto de danças porque ele incentivou, fui professor porque ele incentivou. Então ele foi muito importante para minha vida e para os demais. Ele tinha muita rigidez como eu já falei, mas ele era muito do povo, de conversar. E ele se vestia como mulher na sala de aula. Ele tinha o cabelinho até os ombros. Ele tinha respeito, ele se vestia de mulher para dar aula, mas ele queria respeito (JOSIAS GONÇALVES DE JESUS, 42 anos, ex-aluno da Professora Sandra).

O relato dos ex-alunos, em relação ao carinho da Professora Sandra pelas crianças, também foi evidenciado na fala da merendeira da escola, que a conheceu em 1991. Maria Dora Calixto esclarece que nunca existiu nenhum tipo de preconceito ou discriminação e que o seu comportamento era pautado no respeito:

Ele era uma pessoa maravilhosa aqui. Todo mundo gostava dele. Ele era bem tratado aqui. Não era discriminado. Ninguém se desfazia dele aqui não. Ele falava que estava vindo do interior onde dava aula. Aqui ele era conhecido como professora. Mas ele fazia um trabalho muito bem feito. Ele tinha muito carinho pelos alunos. E foi rapidinho, assim, a morte dele. Foi questão de uma semana (MARIA DORA CALIXTO, 59 anos, trabalha como merendeira na escola desde julho/1991).

De acordo com as entrevistas com os professores e funcionários da escola, a Professora Sandra nunca foi vítima de algum tipo de preconceito ou discriminação, embora na entrevista com os membros da família, a irmã Leonilce Barros disse que “Vez por outra ela era chamada lá na Delegacia de Ensino, aí queriam trocar ela de escola, mas ela não aceitava”. Este fato reforça uma escola de dominação masculina, embasada em traços religiosos e com ranços da colonização que permanecem arraigados nos currículos e na prática escolar (LOURO, 1997, p. 94). Os professores participantes da pesquisa ainda estão lotados na mesma escola em que a Professora Sandra trabalhou.

Trabalho na escola Maria Carmosina desde 1993. Conheci a professora finada Sandra, e ela era uma pessoa muito competente. Tinha muitas habilidades. Um ser maravilhoso. Não é porque ela faleceu que eu estou falando isso. É pela competência que ela tinha como ser humano. Ela trabalhava no circo e fazia algumas apresentações na escola. E incentivava os alunos com várias dinâmicas. Sua capacidade era muito além do que ela podia (RAIMUNDO PEREIRA NUNES, 49 anos, professor de História na Escola).

Eu a conheci trabalhando na escola Flora Calheiros. Pra mim, ela sempre foi um bom professor. Depois eu a conheci como minha supervisora. Ela me ajudou muito. Quando a gente não tinha ideia do que fazer, ela dava a ideia. Ela era muito criativa. Por isso que a gente procurava sempre por ela (IRACI BRAGADO, 58 anos, professora dos anos iniciais).

Percebe-se na prática da Sandra como professora, o envolvimento com as atividades culturais que a escola promove como forma de aproximação com a comunidade. Um dos fatores que contribuem para a aceitação de uma professora que, conforme o ex-aluno Josias Gonçalves diz, “Vestia de mulher pra dar aula, mas ele queria respeito. Ele respeitava e queria respeito como professor e como pessoa”, considera-se a relação que esta profissional fazia com a família e com os valores locais.

Considerações finais

O estudo biográfico da Professora Sandra Egly foi realizado a partir de três situações muito próximas de quem desenvolve trabalhos com história oral: a trajetória, a história e a memória. Neste sentido, a ideia de promover articulações entre estes itens tem a intenção de compreender a importância da utilização das entrevistas em vídeos para facilitar a interpretação de resultados qualitativos acrescidos às contribuições e percepções das experiências individuais no viés da psicologia social.

A trajetória de vida da professora biografada considera-se um estudo de grande contribuição para a perpetuação da memória de professores e suas condições de trabalho durante a década de 1980 no Estado de Rondônia. É relevante destacar os desdobramentos em atuar em um bairro considerado “zona de baixo meretrício”, relatado pela Professora Yeda Borzacov, e os resultados exitosos no trabalho com a comunidade escolar considerando o respeito e a valorização dos pais, alunos e demais professores tratando de uma professora que vivenciava a experiência da afirmação e construção da identidade transexual.

O estudo propõe uma relação participativa entre pesquisador e participantes e possibilitou momentos de reflexão sobre a prática da Professora Sandra quanto à garantia de espaços de igualdade, humanização e aproximações entre a família e a escola, com base no respeito ao próximo e na aceitação das diferenças.

Como os resultados apontam, desenvolvendo atividades culturais e folclóricas, a Professora Sandra fazia com que os alunos olhassem a escola como um ambiente acolhedor e de aproximação. Ao mesmo tempo suas práticas despertavam a valorização da cultura local e as relações entre família e escola, mesmo com os enfrentamentos que a década de 1980 vivenciava através dos empasses políticos e sociais.

O método de entrevistas em vídeos em pesquisa qualitativa, além da preocupação com o preparo técnico, ético e metodológico, possibilitou que os participantes expressassem comportamentos que a

linguagem falada ou escrita não consegue expressar, possibilitando aos pesquisadores a oportunidade de rever inúmeras vezes o momento em que as informações foram geradas, acrescidas de elementos gestuais e as expressões de sentimento e saudade. Na memória da Professora Yeda Borzacov reside um rapaz de “estatura mediana”, que, por se preocupar com as retaliações da sociedade machista e preconceituosa da década de 1980, usou roupas femininas e se apresentou como hermafrodita para prosseguir na luta pela afirmação de sua identidade transexual de modo menos doloroso.

Na memória da família, além da imagem da Tia Sandrinha, vive também o irmão que prometeu emprestar um dinheiro para comprar uma “peça de um carro velho” e, após a sua partida, proporcionou algo melhor que a família necessitava com o benefício da CAPEMISA Seguros deixado para a irmã Lenilce Barros.

Em relação às contribuições na afirmação e construção da identidade de gênero de estudantes e professores, é importante ressaltar que os instrumentos de resistência utilizados pela Professora Sandra Egly para sobreviver na década de 1980 ao conservadorismo e o tradicionalismo servem de pressupostos estratégicos aos enfrentamentos das escolas de hoje com cenários e embates políticos marcados por fundamentalismo religioso.

Entende-se que a escola é o espaço principal de garantia de direitos sociais e políticos e a afirmação da identidade é fundamental para o exercício de uma prática saudável de aprendizagem considerando o respeito e a valorização das diferenças como elemento principal neste processo. Para Bosi (2003, p. 113), é o “gesso do estereótipo que perpetua as lembranças”, e isto permaneceu na memória dos participantes deste estudo através das boas práticas pedagógicas e dinâmicas na sala de aula, inserindo arte circense e cultura local nos programas e festividades da escola. Com estas atividades, a Professora Sandra promovia a estes expectadores a transmissão de valores, conteúdos, atitudes e constituintes da cultura.

A trajetória de vida da professora Sandra Egly representa atualmente a história de estudantes que foram colocadas para fora da escola por não se adaptarem aos padrões e regras criadas com base na normatização da heterossexualidade e da desconstrução das políticas de gênero atribuídas por grupos conservadores. Toda vez que uma travesti ou uma transexual é expulsa da escola e dos meios de profissionalização, ela se torna vulnerável e vítima da desqualificação mínima exigida pelo mercado de trabalho formal e de todas as formas de violência e exclusão. Neste sentido, a “exclusão escolar atribuiu a esses indivíduos um único tipo de inserção, isto é, a prostituição” (SANTOS, 2015, p. 632). A escola que não abre as portas para alunas travestis e transexuais possibilita a negação de direitos fundamentais sendo responsáveis pela inexistência de profissionais com formação superior com identidade de gênero

transexual.

Mesmo Sandra sendo professora leiga, atualmente, a sua postura e o comprometimento com a educação como foi abordado pelos seus familiares, professores, diretores e ex-alunos, revelam uma trajetória de sucesso e de perpetuação de uma memória que fez da prática docente a construção de sua identidade, resistindo à discriminação e o preconceito da sociedade na década de 1980 até o seu falecimento em 2001.

Referências

BORN, Claudia. Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 240-265, jan./jun. 2001. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/5736/3326>. Acesso em: 05 fev. 2018.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. **Lei complementar nº. 41, de 22 de dezembro de 1981**. Cria o Estado de Rondônia e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, Seção 01, 1981, p. 24549. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/leicom/1980-1987/leicomplementar-41-22-dezembro-1981-363034-norma-pl.html>. Acesso em: 05 set. 2018.

BUENO, Belmira Oliveira *et al.* Docência, memória e gênero: estudos alternativos sobre a formação de professores. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 299-318, jan. 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-51771993000100014>. Acesso em: 05 mar. 2018.

BUENO, Belmira Oliveira *et al.* Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 385-410, mai./ago. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022006000200013>. Acesso em: 15 fev. 2018.

FRANCO, Neil; CICILLINI, Graça Aparecida. Travestis, transexuais e transgêneros na escola: um estado da arte. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 23, n. 2, p. 122-137, mai./ago. 2016. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/5349>. Acesso em: 15 jul. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PINHEIRO, Eliana Moreira; KAKEHASHI, Tereza Yoshiko; ANGELO, Margareth. O uso de filmagem em pesquisas qualitativas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 13, n. 5, p. 717-722, set./out. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692005000500016>. Acesso em: 15 jan. 2018.

RIOS, Pedro Paulo Souza; BARROS, Edonilce Rocha; VIEIRA, André Ricardo Lucas. Narrativas de vida e formação de professores gays: (auto) biográficas acerca do estranho que habita em mim. **Revista do Centro de Educação**, Santa Maria, v. 42, n. 1, p. 227-239, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984644424915>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SANTANA, Ana Larissa Alencar. A vivência dos travestis em escolas e no ensino superior brasileiro: uma análise bibliográfica do período 2011-2015. **Revista Científica FAGOC**, Ubá/MG, v. 1, n. 1, p. 99-111, jan. 2016. Disponível em: <http://revista.fagoc.br/index.php/multidisciplinar/article/view/105/85>. Acesso em: 18 fev. 2018.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. A biopolítica educacional e o governo de corpos transexuais e travestis. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45, n. 157, p. 630-651, jul./set. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/198053142970>. Acesso em: 18 fev. 2018.

SOUSA, Andréia da Silva Quintanilha; MOROSINI, Marília Costa. Educação superior em Rondônia: 1991-2004. In: INEP. **Educação Superior Brasileira: 1991-2004**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. p. 22-62. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484109/Educa%C3%A7%C3%A3o+Superior+Brasileira+1991-2004+Rond%C3%B4nia/83e740b7-ed65-4aed-9394-722c9639dc29?version=1.0>. Acesso em: 18 mar. 2018.

SOUZA, Elizeu Clementino. (Auto) biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tania Maria (Orgs.). **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Mincoff. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In: SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 2004.